

Paula Carolina Batista

**POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS PARA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
QUILOMBOLA**

CELACC/ECA – USP

2011

Paula Carolina Batista

**POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS PARA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
QUILOMBOLA**

**Trabalho de conclusão de curso
de pós-graduação em Mídia,
Informação e Cultura
produzido sob orientação do
Prof. Dr. Juarez Tadeu de
Paula Xavier**

CELACC/ECA – USP

2011

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho tive o apoio de muitas pessoas queridas, pois não se lança na realização de um empreendimento sem alicerces fortes.

Agradeço especialmente à minha mãe, que sempre foi um grande exemplo de mulher e cidadã.

Aos meus irmãos, ao meu pai, a todos os meus tios, primos, sobrinhos e à minha avó Zulmira.

Ao meu mestre da vida, Dr. Daisaku Ikeda, presidente da Soka Gakkai Internacional, por me incentivar sempre a buscar a vitória.

Agradeço a todos os moradores do Quilombo Brotas, que permitiram a realização deste trabalho dentro da comunidade. Sempre muito receptivos, eles me ajudaram a compreender um pouco mais da história daquele lugar e fizeram que aumentasse o meu respeito pela comunidade.

Agradeço ao professor Dr. Dennis de Oliveira, por conduzir o processo de conhecimento e aprendizado neste curso de pós-graduação.

Ao professor Juarez Xavier que, com muita paciência, orientou cada passo dado na construção do raciocínio e ideias para se chegar à conclusão deste artigo científico.

Aos meus grandes companheiros da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional e aos funcionários da Editora Brasil Seikyo, que me deram total apoio e incentivo.

Sumário

1. Introdução.....	06
2. Desenvolvimento.....	07
2.1 Interferências na Comunidade Quilombola.....	08
2.2 Compreendendo Conceitos Teóricos.....	10
Comunidades quilombolas	10
Quilombo Brotas.....	13
Cultura e identidade.....	15
Políticas Públicas – Programa Cultura Viva.....	19
Preservação da memória oral para a construção da identidade.....	22
Relação com as questões étnico-raciais.....	26
2.3 Metodologia Aplicada.....	27
2.4 Interpretação dos Dados.....	30
3. Considerações Finais.....	36
4. Bibliografia.....	38

POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

Paula Carolina Batista¹

RESUMO

Este artigo discute como políticas públicas culturais voltadas a comunidades quilombolas podem colaborar para que seus componentes se unam, criem uma identidade quilombola própria e assim adquiram forças para se articular politicamente e reivindicar necessidades básicas para os seus membros. O Quilombo Brotas, na região urbana de Itatiba, interior de São Paulo, é objeto desta pesquisa, já que, no fim de 2009, o edital que concede verba para a criação de Pontos de Cultura, do programa Cultura Viva do governo federal contemplou tal comunidade com o Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”. Para a elaboração deste artigo, além de pesquisas teóricas realizadas e um estudo do caso, foram realizadas entrevistas e acompanhamento da comunidade quilombola no que diz respeito à aplicação efetiva do que está proposto no projeto do Ponto de Cultura.

Palavras-chave: políticas públicas, identidade, memória e cultura

RESUMEN

Este artículo científico discute como las políticas públicas de cultura dirigido a las comunidades quilombolas pueden contribuir para que sus componentes se unen, crean una identidad quilombola propia y así adquieren fuerza para articular políticamente y reclamar las necesidades básicas de bien común para todos sus miembros. El Quilombo Brotas, ubicado en la zona urbana de la ciudad Itatiba, São Paulo, es utilizado como objeto de esta investigación. Eso porque desde el final de 2009 el decreto que concibe fondos para la creación de Puntos de Cultura, el programa “Cultura Viva” del Gobierno Federal contempló esta comunidad como el Punto de Cultura “Los Caminos del Quilombo Brotas”. Para preparar este artículo, además de la investigación teórica y un estudio de caso en profundidad, se realizaron entrevistas y

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Escreveu o livro reportagem “Brotas, o primeiro quilombo urbano do Brasil” como trabalho de conclusão da graduação. Para a realização deste artigo científico teve a orientação do Professor Juarez Xavier.

acompañamiento de la comunidad quilombola con respecto a la aplicación efectiva de lo que se propone en el proyecto del Punto de Cultura.

ABSTRACT

This article discusses how public policies and cultural policies can contribute to “quilombos” and how it can collaborate to its components come together, creating their own identity and then acquired the strength to organize their community politically and then claim to the basic needs for all its members. “Quilombo Brotas”, near to the Itatiba center city, São Paulo, is used as the main subject in this research, because since 2009 the edict granting funds for the creation of Cultural Points, in the governmental program “Cultura Viva” contemplated this community with the “Cultural Point” “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”. To formulate this article, theoretical researches were done, and also interviews and monitoring the community regarding the effective application of what is proposed in this project.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo observa as condições atuais, referente a cultura, identidade, ações e desenvolvimento da comunidade que pertence ao Quilombo Brotas, no que diz respeito a seu avanço e articulação a partir da implantação do projeto Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”. Que impactos sofre uma comunidade tradicional que é contemplada com uma política pública com o objetivo de fomentar sua cultura popular e, com isso, recebe um telecentro com acesso a internet e incentivos para a interação com outras comunidades fazendo sua cultura ser projetada para fora dos muros do quilombo?

Quando foi implantado o Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”, os objetivos centrais a serem realizados nos três anos (de 2010 a 2012) foram: a estruturação dos espaços de visitação do território, inclusive as trilhas existentes no espaço do quilombo; o resgate da cultura ancestral dos integrantes daquele grupo; tornar o espaço um ponto turístico da cidade; a articulação e o contato com outros pontos de cultura e comunidades quilombolas; iniciar a produção de uma economia criativa com a confecção de camisetas customizadas e artesanato, além da implantação da sala multimídia com computadores ligados à internet.

Dessa forma, até a finalização do projeto, a comunidade almeja apropriar-se do processo de gestão interna de seus recursos.

Observando os projetos e objetivos que a comunidade quilombola traçou para conquistar, e suas características, histórica, social, cultural e de infraestrutura, este artigo observa a comunidade a partir de uma visão quilombola atual, da característica peculiar de uma comunidade quilombola urbana, da questão da identidade a ser construída e da valorização da cultura. Considerando-se a política pública implantada dentro da comunidade, que, no caso, é o Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”, há também a ênfase na preservação da tradição oral que é muito forte dentro da comunidade e na questão da relação do negro na sociedade brasileira.

A partir da comunidade e da compreensão teórica sobre os temas relacionados à questão, tenta-se comprovar se, por meio da implantação de políticas públicas voltadas para a questão cultural, se pode solucionar problemas como: a falta de identidade, o esquecimento da cultura e das tradições ancestrais, a falta de infraestrutura básica e da articulação política da comunidade. Foi possível, então, adquirir conteúdo para tentar compreender a relevância de tal investimento nas questões culturais para a criação de uma identidade quilombola, focada no fortalecimento da comunidade como remanescentes de quilombolas, e como uma comunidade negra representativa dentro do município de Itatiba.

Além de pesquisas teóricas realizadas para a elaboração do estudo do caso, desde 2008, a comunidade Brotas vem sendo observada. Para este artigo, foi feito um acompanhamento da comunidade, por meio de entrevistas com moradores, que estão convivendo com a implantação do Ponto de Cultura, e com o coordenador da Associação Cultural Quilombo Brotas e do Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”.

As evidências estudadas fazem este artigo partir do princípio de que, por meio da cultura popular, é possível uma comunidade composta por pessoas de diferentes interesses criar uma identidade e se firmar como um corpo para batalhar por conquistas da coletividade. Pois, há a compreensão que, só por meio de uma assimilação cultural popular, se pode superar problemas que as comunidades quilombolas em geral tendem a sofrer, tais como: titulação das terras, identidade quilombola, convivência e consciência coletivas, autonomia financeira e de decisões, saneamento básico, educação e emprego.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Interferências na Comunidade Quilombola

Em 23 de março de 2003, na inauguração da Associação Cultural Quilombo Brotas, os moradores do sítio Brotas, em Itatiba, interior do Estado de São Paulo, passaram a se considerar como remanescentes de quilombo. Este feito só foi possível porque, há quase dois séculos, geração após geração, os descendentes de escravos alforriados permanecem no local cultivando as lembranças da infância e de antepassados. As pessoas dali têm uma relação de afeto com aquele espaço, principalmente os mais velhos.

O Quilombo Brotas é o primeiro quilombo urbano a ser reconhecido no Brasil. Constitui um patrimônio histórico e cultural, onde hoje vivem 32 famílias que descendem de Emília Gomes de Lima e Isaac de Lima, escravos de uma fazenda da região. Após a morte do fazendeiro, o casal foi alforriado e passou a morar no sítio Brotas, de propriedade de um casal que ajudava escravos libertos e fugidos, promovendo incremento da renda de seus moradores. Desde a vinda da família Lima para as terras até hoje, o sítio Brotas, chamado assim mesmo antes do reconhecimento como quilombo, passou por várias transformações geográficas, internas e externas.

Antigamente, o sítio Brotas era afastado da cidade. Hoje, está cercado por bairros que foram ocupando o espaço à sua volta. O crescimento desordenado da cidade de Itatiba derrubou diversas árvores nos arredores do Quilombo, para que casas fossem construídas. Um morador da comunidade quilombola conta que ele se lembra de quando havia nas proximidades um eucaliptal, além de muitas outras árvores.

Há alguns anos, com a especulação imobiliária, aquele espaço quase deixou de existir, pois, provavelmente, seria englobado por algum loteamento construído ao redor. O que ocorreu no interior do sítio Brotas não foi muito diferente do ambiente externo. Os filhos, netos e bisnetos dos precursores daquela família foram crescendo e muitos, sem condições de manter uma moradia na cidade, tiveram, por necessidade, de residir nas terras da família; então, muitas casas foram construídas ali dentro também.

As ações externas podem ajudar ou prejudicar uma comunidade tradicional que sempre esteve acostumada a se comportar de determinada maneira. No sítio Brotas, as ações empreendidas a fim de que a comunidade adquirisse a titulação de quilombo foram positivas para que os moradores não perdessem suas terras para a especulação imobiliária. Por outro lado, os moradores tornaram-se membros de uma comunidade por necessidade e não por identificação, e sem poder de articulação.

Desde a fundação da Associação Cultural e do reconhecimento da comunidade quilombola, diversos projetos e objetivos voltados para a questão da preservação e divulgação da cultura da comunidade foram traçados pelos moradores e por entidades e associações da cidade e região. Tornar o local um ponto turístico e poder receber a visitação de grupos de excursão, ter um restaurante com comidas afro-brasileiras, abrigar um museu que conserve a história da família, a produção de artesanato, além de outros projetos, sempre foram as perspectivas. Mas nada de concreto foi realizado para que esses objetivos se tornassem realidade.

Não existe algo que defina o que pode ser chamado ou não de cultura quilombola, negra ou que descende da africana. Muitas das tradições que se vive e das tecnologias que se utiliza nas casas e no campo são de origem africana e foram adaptadas para a sobrevivência da comunidade negra. Porém, é um erro dizer que no Quilombo Brotas não há nenhuma preservação da cultura quilombola, já que há resquícios da cultura africana no cotidiano dos brasileiros. Com isso, mesmo que os moradores do Quilombo Brotas não quisessem manter nenhuma característica da cultura quilombola, seria impossível, pois esta está intrínseca ao modo de vida de qualquer brasileiro.

Contudo, a cultura ancestral, a memória dos precursores daquela comunidade, acabou por muito tempo sendo deixada de lado. Por serem um quilombo urbano, a aproximação da cidade fez os moradores e descendentes se distanciarem da própria história. Os meios de comunicação de massa, o entretenimento oferecido pela vida na cidade, fizeram que o interesse pela própria cultura fosse se perdendo, principalmente nos mais jovens.

Apesar de sua localização no perímetro urbano, a comunidade quilombola sofre com a falta de infraestrutura básica, que inclui coleta de lixo na área do sítio, saneamento básico, construção irregular das moradias, estradas sem pavimentação e falta de iluminação nas ruas. Outro fator que se deve salientar é a questão da oferta de empregos disponibilizada para os moradores da comunidade. A necessidade de ir buscar o sustento da família fora dos muros do quilombo é uma realidade. De forma geral, a maioria dos moradores, principalmente as mulheres, possui subempregos, que não oferecem salários relevantes para que os moradores possam ter uma autonomia financeira.

Ao observar a comunidade superficialmente, é natural que se avalie que as questões de preservação da memória ancestral e a implantação de projetos culturais devem ficar em segundo plano diante das carências sociais que ali são registradas.

Este artigo estuda o impacto que uma política pública pode causar na comunidade com as características do Quilombo Brotas e se a questão cultural é um caminho viável para que essa comunidade se articule de forma criativa e busque por outros caminhos resolver as questões sociais e de infraestrutura.

É interessante pontuar que, em entrevista com alguns moradores, ao questioná-los sobre o que se poderia melhorar dentro do quilombo, poucos citaram a falta de infraestrutura (saneamento básico e iluminação nas ruelas), como fator importante de mudança. A maioria acredita que a união entre os moradores é uma das questões que precisa ser aprimorada.

A importância do tema estudado ocorre pelo fato de ser uma comunidade quilombola recente que está buscando, por meio da cultura, o resgate de suas memórias históricas e uma forma de se tornar visível e relevante na sociedade itatibense e regional. O artigo se atenta para o incentivo financeiro governamental voltado às questões culturais da comunidade com o objetivo de promover uma ascensão cultural e então criar identidade própria e autonomia econômica e política.

Com o estudo desta comunidade, deseja-se traçar um modelo e propostas para que outras comunidades com o mesmo perfil busquem incentivos governamentais com as mesmas finalidades. É possível compreender, portanto, se, com os recursos obtidos por meio de políticas públicas culturais, a comunidade pode criar uma cultura popular nova que mostre as particularidades daquele grupo e ser transformada em recurso intangível promovendo a visibilidade desta.

2.2 Compreendendo Conceitos Teóricos

Comunidades quilombolas

A palavra quilombo origina-se do banto e significa habitação, acampamento, floresta, guerreiro. Já na região central da Bacia do Congo, na África, significa “lugar para estar com Deus”.

No passado, os negros reconstruíam no quilombo um tipo de organização territorial de origem africana, e esse lugar funcionava como verdadeira válvula de escape para diluir a violência da escravidão, durante os quase quatro séculos em que se mantiveram as tensões e confrontos de classes no sistema escravista.

Os escravos fugidos buscavam, nesse lugar, proteção e segurança, bem como igualdade de condições e liberdade de acesso à terra. A organização territorial dos antigos quilombos recebia referências das comunidades existentes na África e influências marcantes dos povos indígenas.

O conceito de comunidade quilombola, portanto, tem origem no campesinato negro, povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e obter autonomia política e econômica. Ao quilombo contemporâneo está associada uma interpretação mais ampla, mas que perpetua a ideia de resistência do território étnico capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver. (ANJOS, 2006: p. 53)

Hoje, algumas comunidades constituem quilombos contemporâneos, que não representam mais um espaço de fuga, estrategicamente isolado. Esses territórios foram construídos em fazendas falidas ou abandonadas, terras compradas por escravos alforriados, obtidas por doações, terrenos religiosos, adquiridas por prestação de serviços em guerras oficiais entre outros.

É necessário que nos libertemos da definição arqueológica, da definição histórica *stricto sensu* e das outras definições que estão frigorificadas e funcionam como uma camisa de força, ou seja, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a legislação republicana não produziu, por achar que tinha encerrado o problema com a abolição da escravatura, e que ficou no desvão das entrelinhas dos textos jurídicos. A relativização dessa força do inconsciente coletivo nos conduz ao repertório de práticas e às autodefinições dos agentes sociais que viveram e construíram essas situações hoje designadas como quilombo. (ALMEIDA, 2002: p. 63)

Esses territórios emergiram com as políticas públicas afirmativas e de reparação social em um contexto de luta política, sobretudo nas conquistas e reivindicações de movimentos negros e de uma rede de entidades negras organizadas e representativas, atuantes desde os anos 1980 no Brasil.

De terra sagrada e comunitária, o território dos negros passou a ter outro significado: a luta para mantê-lo, exatamente como faziam seus ancestrais. Atualmente, essas várias comunidades possuem uma formação bem diversificada em questões territoriais de diferentes usos e propriedade, entre o caráter privado e comum. É bem diversificada também a formação populacional com diferentes combinações étnicas, de parentesco e sucessão, por fatores

históricos, por elementos de identidade peculiar e por critérios político-organizativos e econômicos, relevantes práticas e representações próprias.

Para maior compreensão e estudo das comunidades quilombolas hoje, é de suma importância que se desvincule a ideia do passado e se abra para uma nova concepção de comunidade. Não são mais terras de negros fugidos e sim de resistência, voltado mais para uma questão de identidade e compartilhamento do território que remete a valorização de tradições, histórias e da própria cultura e que seja principalmente relevante para a consolidação de tal comunidade, assim como afirma Almeida no livro *Quilombos – identidade étnica e territorialidade*.

A meu ver, o ponto de partida da análise crítica é a indagação de como os próprios agentes sociais se definem e representam suas relações e práticas em face dos grupos sociais e agências com que interagem. Esse dado de como os grupos sociais chamados “remanescentes” se autodefinem é elementar, porquanto foi por essa via que se construiu e afirmou a identidade coletiva. O importante aqui não é tanto como as agências definem, ou como uma ONG define, ou como um partido político define, e sim como os próprios sujeitos se auto representam e quais os critérios político-organizativos que norteiam suas mobilizações e forjam a coesão em torno de uma certa identidade. Os procedimentos de classificação que interessam são aqueles construídos pelos próprios sujeitos a partir dos próprios conflitos, e não necessariamente aqueles que são produto de classificações externas, muitas vezes estigmatizantes. Isso é básico na consecução da identidade coletiva e das categorias sobre as quais ela se apoia. (ALMEIDA, 2002: p. 67, 68)

Pelas razões expostas, é complexo impor a uma comunidade, que não possui história, um território estabelecido e uma ancestralidade de resistência, uma identidade quilombola. Mas também a falta de preservação dessas memórias faz que os membros de uma comunidade tenham dificuldade em assimilar de forma natural essa característica. Para uma comunidade quilombola urbana, torna-se ainda mais complicada essa assimilação, uma vez que as influências culturais e comportamentais dos padrões urbanos são muito mais fortes e presentes na vida e no cotidiano.

A definição e autoafirmação como comunidade quilombola precisa partir dos próprios integrantes dessa comunidade. Portanto, para comunidades que possuem características peculiares e têm dificuldades de realizar essa autoafirmação devida a questões históricas, de proximidade urbana, de perda da memória ancestral ou de falta de interesse da preservação da cultura local, mas que possuem o desejo pelo menos de parte de seus integrantes em realizar um resgate a essa história, para então reproduzir, a partir desta assimilação, essa cultura e

identidade, é importante que haja políticas públicas e investimentos sociais que possam auxiliar tais comunidades no resgate dessa identidade, das histórias e da cultura.

No momento atual, para compreender o significado de quilombo e o sentido dessa mobilização que está ocorrendo, é preciso entender como é que historicamente esses agentes sociais se colocaram perante os seus antagonistas, bem como entender suas lógicas, suas estratégias de sobrevivência e como eles estão se colocando hoje ou como estão se autodefinindo e desenvolvendo suas práticas de interlocução. A incorporação da identidade coletiva para as mobilizações e lutas, por uma diversidade de agentes sociais, pode ser mais ampla do que a abrangência de um critério morfológico e racial. (ALMEIDA, 2002: p. 69)

Quilombo Brotas

O objeto de pesquisa neste trabalho é o estudo da comunidade que pertence ao Quilombo Brotas, localizado na cidade de Itatiba, interior de São Paulo. Portanto, faz-se necessária a compreensão de como a comunidade se formou ao longo dos anos para se constituir como remanescentes de quilombo.

A ocupação e a formação do território do Quilombo Brotas começam como abrigo para escravos fugidos das fazendas das regiões de Campinas, Atibaia e Jundiá, cidades do interior de São Paulo. Aliados aos índios, eles criaram nos sertões de Jundiá um quilombo.

Os registros da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), do Relatório Técnico e Científico (RTC), feitos pela antropóloga Patrícia Scalli dos Santos, revelam que havia um escravo fugido de um quilombo de Campinas. Quando foi capturado e interrogado, ele declarou que seu grupo pertencia a um quilombo maior que estava se formando nos anos 1880 em Jundiá.

A história do quilombo Brotas cruza com as linhas narrativas que compõem outras histórias como a formação da cidade de Itatiba e a história das mulheres quilombolas que ao longo do tempo formaram um matriarcado neste pequeno território, que foi grande o suficiente para servir de abrigo a todos que dele precisaram ao longo de dois séculos. (SCALLI, RTC, 2004)

Atualmente, o que se sabe sobre a história dos atuais moradores do quilombo é que ela começa com a compra da menina Emília Gomes por fazendeiros de Itatiba. Lá, ela conheceu e se casou com Isaac de Lima. Foram libertados, junto com seus filhos (dentre eles Amélia de Lima), após o falecimento do dono da fazenda, indo morar no sítio Brotas. Entre 1878 e 1885,

num acordo com Francisco José Rodrigues, compraram e pagaram com seu trabalho as terras do sítio Brotas, registradas somente em 1969, para realização de inventário de Isaac e Emília. Após a morte de Isaac, permaneceram no sítio apenas Emília, sua filha Amélia de Lima e seu marido Fabiano Barbosa. Os atuais moradores do Quilombo Brotas descendem diretamente de Amélia e Fabiano.

Segundo relatos de Maria Emília Gomes, popularmente chamada Tia Lula, neta de Isaac, o sítio foi adquirido por 40 mil réis.

Quando meu avô comprou este sítio, aqui já se chamava Brotas. Numa primeira vistoria que meu avô fez no sítio, ele encontrou um barracão bem velho lá no meio do mato. Ele, como ex-escravo, logo desconfiou que ali era um esconderijo de negros fugidos. Quando eles entraram alguns jiraus (uma espécie de estrado de varas sobre torquilhas cravadas no chão). Depois ficamos sabendo que muitos negros fugidos de Campinas, Valinhos, Vinhedo e mesmo Itatiba se escondiam ali. Eles chamavam de quilombo. (*JORNAL DE ITATIBA*, 2001)

Até 1970, os habitantes viveram da economia de subsistência. O excedente era trocado na cidade por itens que não eram produzidos no Sítio, como o sal.

Eles plantavam feijão, mandioca, batata-doce, milho, cana-de-açúcar, arroz, café e amendoim. Tinham um pomar com diversas frutas como pera, melancia, goiaba, amora, manga, abacate e abacaxi, além de criação de cabras, galinhas e porcos. Com o passar do tempo filhos e netos de Amélia saíram das terras para procurar trabalho na indústria, principalmente em Jundiaí e São Paulo. Depois de várias idas e vindas uma parte dos descendentes de Amélia, principalmente, aqueles que com dificuldades econômicas, não conseguindo emprego e um lugar para morar, resolveram se estabelecer no Quilombo onde vivem até hoje. (*SCALLI, RTC, 2004*)

Com o passar dos anos, a cidade de Itatiba cresceu e, hoje, envolve a área ao redor do sítio Brotas, conferindo ao Quilombo Brotas o título de “primeiro quilombo urbano do Brasil”, oficialmente reconhecido.

Segundo documento elaborado pelo Itesp, a titulação das terras envolve, fundamentalmente, questões de territorialidade, organização social e econômica, apropriação do espaço e de seus recursos naturais, sistemas de valores, hábitos e costumes, e esclarece o mito de que quilombos eram apenas focos de resistência e ataque contra um regime escravocrata. Os quilombos poderiam ser uma doação: quando do falecimento dos donos da fazenda, as terras eram deixadas para os escravos e empregados que os serviam, após serem libertados; e um objeto de aquisição, como é o caso do Quilombo Brotas.

Atualmente, as comunidades originadas desses agrupamentos denominados quilombos são conhecidas como remanescentes de comunidades de quilombo e/ou, simplesmente, quilombolas.

Em 18 de novembro de 2004, foi publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* o despacho do então diretor-executivo do Itesp, Jonas Villas Bôas, aprovando o Relatório Técnico-Científico, elaborado pela antropóloga Patrícia Scalli dos Santos, sobre a identificação étnica e territorial dos Remanescentes da Comunidade Quilombo Brotas, no município de Itatiba, SP. A partir dessa data, a comunidade e a área do sítio Brotas passaram a ser reconhecidas como comunidade de remanescentes do Quilombo Brotas.

O processo desencadeado pelo Itesp atende plenamente aos anseios dos moradores dessa comunidade que, por diversas vezes, tiveram seu patrimônio cultural, ambiental e territorial ameaçado. Representa também o início do entendimento da cultura, da memória e da história desse povo, garantindo a valorização de sua territorialidade nos aspectos de reprodução física, social, econômica e cultural.

Cultura e identidade

Devido à trajetória histórica de formação da comunidade do Quilombo Brotas, verifica-se a compreensão da identidade quilombola e na preservação da cultura ancestral que ali se forma, para que a comunidade possa homogeneizar o pensamento e as convicções quanto ao território e, assim, compreender, respeitar, preservar e proteger o território e as tradições culturais e históricas que sobrevivem.

Portanto, para se preservar, precisa compreender qual o tipo de cultura que ali está presente e que precisa então ser contemplada e protegida por seus moradores. Para o estudo deste artigo, é utilizado o conceito de cultura popular da filósofa e historiadora, Marilena Chauí na obra *Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil*, 1986, em que a autora considera como cultura popular a expressão dos dominados, buscando formas de ser aceita pela cultura dominante, para ser interiorizada e transformada. Coloca-se como uma manifestação que está no interior de uma sociedade igual, porém cada classe é dotada de sentidos e finalidades diferentes, e aborda a cultura popular como sempre transpassando a cultura dominante com o intuito de resistir a ela.

Isso porque o Quilombo Brotas, por estar localizado dentro de um território urbano, sofre grande influência da cultura dominante por meio dos meios de comunicação de massa, e

pela proximidade da cidade. Nesse cenário, a valorização da cultura ancestral, que é em si a cultura popular, torna-se complexa, pois os valores que são vistos, apreciados e cultivados não possuem proximidade com a própria cultura. A lógica de uma sociedade mercadológica torna-se muito presente na vida dos membros da comunidade, fazendo que se aprecie aquilo que está distante e do gosto da maioria das pessoas, virando as costas para o que possuem, para a cultura que produzem diariamente com a construção da própria história.

Na discussão sobre identidade na pós-modernidade, o teórico cultural Stuart Hall considera:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos em tempos, lugares histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse feito de “supermercado cultural”. (HALL, 2006: p. 75)

Na comunidade Brotas, a presença feminina sempre foi muito forte e em grande quantidade. Na história de resistência da comunidade, a força feminina guiou e até hoje vem liderando a tradição familiar e dominando o conhecimento histórico e ancestral. Desde muito cedo, a matriarca da família, Emilia Barbosa, incentivava principalmente as filhas e netas a buscar o sustento, uma forma de independência. Hoje, isso é muito presente no quilombo. Pelo fato de a cidade não oferecer diversificadas oportunidades de trabalhos, as mulheres acabam ocupando vagas em indústrias, mas, em sua maioria, como empregadas domésticas ou diaristas, inclusive na casa dos moradores que circunda a comunidade quilombola. Esse envolvimento próximo com a cultura dominante distorce os valores e faz um movimento inverso ao desejado, trazendo a cultura de fora para dentro.

Quando levadas ao mercado de trabalho, tanto nas indústrias e nos escritórios como nas “casas de família”, são submetidas a um processo de socialização que invalida sua cultura anterior, pois não podem acrescentar ao que possuíam novos elementos culturais (nova relação com o tempo e o espaço, com o vestuário, a higiene, o paladar, as “boas maneiras”, novas formas de conduta adaptadas à disciplina urbana), mas perdem os que tinham para adquirir outros, menores. (CHAUI, 1986: p. 37)

Com a necessidade da funcionalidade da vida cotidiana, as integrantes da comunidade devem se adaptar à engrenagem econômica da qual vão participar para reproduzir um papel de assalariado e de morador urbano.

O que pretendemos assinalar é que se trata de pessoas submetidas à perda da cultura e à invalidação de seus conhecimentos e valores, sobre as quais a intimidação da Informação é constante, sobretudo se nos lembrarmos de que a essas pessoas está vedado um acesso real ao que é veiculado pela Informação, tanto pelo nível da escolarização quanto pelas dificuldades de contato com o restante da cidade e da sociedade global em decorrência das condições de vida (habitação diante dos centros, poucos recursos para o consumo de bens perecíveis, duráveis e culturais etc.). (CHAUI, 1986: p. 38)

Devido a essas questões mencionadas, entende-se que os membros da comunidade possuem a necessidade de valorizar a própria cultura, como forma de resistência a essa cooptação cultural que são submetidos por necessidade de se estabelecerem em uma sociedade de consumo, trabalhando um movimento inverso de uma cultura popular que sai de dentro da comunidade de uma forma forte e resistente que permeia a sociedade ao seu redor.

Um movimento que auxilie a comunidade na preservação da própria cultura pode servir para que suas tradições não se percam. Pelo tempo que passam fora da comunidade trabalhando, pode ser complexo o envolvimento de todos no processo de valorização e reprodução da própria cultura, pois, ao retornarem para suas residências no fim do dia, o cansaço, os afazeres domésticos e os compromissos familiares acabam distanciando a vida da preservação da própria comunidade.

De que forma pode-se criar uma identidade firme em que as ações e os interesses dos membros da comunidade visem a preservação da própria cultura, dando assim o devido valor para o que está presente e faz parte da vida e da história de todos que ali moram?

Nessa questão da identidade, o artigo utiliza o conceito de Stuart Hall no livro *A identidade cultural na pós-modernidade, 2000*, dando ênfase na questão da mudança da concepção de identidade de sujeitos sociológicos, para os sujeitos pós-modernos.

A concepção do sujeito sociológico trata da questão em que o mundo interno e o externo do sujeito se interagem para criar a identidade.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os

mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (...) A identidade então costura, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006: p. 11, 12)

Essa concepção de sujeito sociológico vem mudando constantemente, mesmo porque as questões políticas e sociais no mundo estão em transição. Então, nasce o sujeito pós-moderno, já que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Idem p. 12), afirma o teórico.

Hall explica que esse novo sujeito não possui uma identidade fixa ou permanente, ela está em constante transformação em relação a representações e questionamentos sociais e culturais ao nosso redor.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas no redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Ibidem, 2006: p.13)

Essa complexidade torna ainda mais difícil a unificação de uma identidade quilombola entre os moradores do Quilombo Brotas, pois, com essa mudança no conceito da construção da identidade de acordo com os questionamentos representados pela sociedade, a assimilação não é imediata. Hall considera: “Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de política de identidade (de classe) para uma política de diferença”(Idem p.21).

Por ser uma identidade formada ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, como algo imaginário, sempre está incompleta, ou seja, em processo. Sempre com possibilidades de ser formada, é possível que, por meio de ações externas, possa ser complementada. Como afirma Hall: “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas que nós imaginamos ser vistos por outro”. Observando mais intrinsecamente a comunidade Brotas, avaliou-se que mesmo possuindo uma identidade construída com os valores de uma sociedade de consumo e urbana, há uma grande possibilidade de que, por meio de trabalhos de valorização da cultura e da identidade quilombola envolvendo todos os membros da comunidade e a implementação de projetos voltados a construção dessa identidade, serão de grande relevância para a construção da

assimilação e aproximação de seus moradores a essa cultura, a essas tradições históricas as quais eles pertencem e necessitam preservar, já que essa tradição cultural e essa história ancestral fazem deles uma comunidade quilombola.

Há uma necessidade de costurar as diferenças em uma única identidade e isso realizado por meio da valorização das tradições ancestrais, da história da comunidade, da cultura quilombola.

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo — nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes. (HALL, 2006: p. 71)

Políticas Públicas – Programa Cultura Viva

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania, Cultura Viva do governo federal nasceu, em 2004, para estimular gestão cultural, tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos, criados pelo Ministério da Cultura.

Os Pontos de Cultura são iniciativas que envolvem diferentes comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária. Ao ser selecionada, a comunidade recebe R\$ 185 mil do governo federal, em cinco parcelas semestrais, para potencializar suas ações com a compra de material (principalmente equipamento multimídia) ou a contratação de profissionais, entre outras necessidades.

A implantação do programa nas comunidades tem como objetivo um processo contínuo e dinâmico. Por isso, são estabelecidas metas e traçados objetivos claros sobre quais ações serão implementadas dentro de cada ponto de cultura.

Uma das questões principais desse projeto é que o desenvolvimento das ações acontece a partir da articulação com atores preexistentes ligados à comunidade, sendo algo que vem de dentro para fora e não imposto de fora para dentro. É provável, então, que o Programa estimule a criatividade, ao propiciar o resgate da cidadania pelo reconhecimento da cultura produzida em cada comunidade, que motive os cidadãos a criar, participar e reinterpretar a cultura, a partir do que já possuem.

Este foi o caminho que a comunidade quilombola de Itatiba buscou para resgatar sua ancestralidade, projetar a cultura quilombola para fora dos portões do sítio, com isso, se tornar uma comunidade unida, com uma identidade quilombola firmada, e poder, por meio disso, se articular e reivindicar necessidades sociais que carecem.

Em 2010, quando o ponto de cultura foi implantado na comunidade, os objetivos traçados e as metas estabelecidas foram: promover o intercâmbio quilombola com a participação de reuniões e encontros entre quilombolas do Estado de São Paulo; realizar encontros da juventude quilombola com a criação de espaços onde os jovens quilombolas possam falar sobre suas comunidades e expor suas demandas específicas; a montagem de oficinas de reconstrução da história do Quilombo e apropriação da história pela juventude; a instalação de telecentro dentro da comunidade; e a criação de oficina de *silkscreen*.

Em seu livro *Ponto de Cultura, o Brasil de baixo para cima*, 2009, Célio Turino fala sobre as experiências que teve como idealizador desse programa e quais os impactos efetivos que aconteceu onde foi implantado.

O programa Cultura Viva envolve esta dimensão intangível da vida: é o povo em movimento; e o Ponto de Cultura, a autonomia e o protagonismo sociocultural deste povo. A contribuição em dinheiro (...) permite perceber que o valor não é tão grande assim (...), mas é um recurso que chega diretamente às comunidades, sem intermediação, por isso permite que muito se faça. Tão ou mais importante que o recurso é o processo de transformação que o Ponto de Cultura desencadeia: respeito e valorização das pessoas da própria comunidade, novas formas de pactuação entre Estado e sociedade, fortalecimento da autonomia, conexão em rede, intensificação da troca de saberes e fazeres, liberação de sonhos e energias criativas. (TURINO, 2009: p. 43)

Portanto, o Ponto de Cultura entende-se por um conceito de política pública em que as organizações culturais da sociedade ganham força e reconhecimento e, em vez de ser algo para as pessoas, é essencialmente das pessoas: “um organizador da cultura no nível local, atuando como ponto de recepção e irradiação de cultura” (p. 64).

Com os Pontos de Cultura, a equação Autonomia mais Protagonismo resulta em um rompimento com as relações de dependências, ou assistencialismo, ainda mais quando estão ligados em rede, ou seja, uma comunidade ou grupo de pessoas deixam de ficar só esperando por melhorias e passam então a buscá-las; vão atrás das oportunidades que lhe são de direito, onde entra o conceito de empoderamento.

O empoderamento social dos Pontos de Cultura pode provocar transformações que vão muito além da cultura em um sentido estrito e desencadeador mudanças nos campos social, econômico, de poder e valores. Ao concentrar sua atuação nos grupos historicamente aliados das políticas públicas (seja por recorte socioeconômico ou no campo da pesquisa e experimentação estética), o Ponto de Cultura potencializa iniciativas já em andamento, criando condições para um desenvolvimento alternativo e autônomo, de modo a garantir sustentabilidade na produção da cultura. É a cultura entendida como processo e não mais como produto. (TURINO, 2009: p. 70)

Esse conceito, que forma um triângulo unindo empoderamento, autonomia e protagonismo, dá origem à sustentabilidade cultural. Porém são valores em construção que ganham importância quando se cruzam, se interagem e expressam verdadeiramente as vivências culturais da comunidade. As inclusões digital, social, cultural, econômica e política, podem fazer que se quebrem as hierarquias sociais e políticas criando um caráter emancipador, com características diferentes dos movimentos sociais tradicionais marcados pela predominância da hierarquia.

Diferentemente disso, as comunidades culturais que participam do Projeto Cultura Viva possuem uma característica peculiar de não ter um padrão preestabelecido, pois “estimula e potencializa as energias sociais e culturais já existentes, valoriza a experiência social” (p. 76). Então, compartilham-se as responsabilidades entre Estado e sociedade, estabelecendo, assim, canais de diálogo e aprendizado mútuo.

Com isso, ao adotar novas atitudes culturais e de administração, muda-se também a relação com a economia, havendo a possibilidade de pensar a cultura determinando a economia. Questões como economia solidária e consumo consciente ganham espaço com o trabalho colaborativo. A autonomia econômica da comunidade torna-se uma realidade.

Intensificar a interação entre o sujeito e seu meio, promover o desenvolvimento a partir da apropriação coletiva, compartilhar valores e ideias, dar sentido educativo à política pública. Estas são algumas das ações promovidas pelo Ponto de Cultura que hoje fazem parte da realidade do Quilombo Brotas. O legítimo empoderamento dos atores de uma comunidade acontece quando se compreende que essa nova política pública os possibilita ter acesso a meios que permitirão a superação de suas dificuldades e, assim, fortalecer a luta para a conquista de melhorias.

Autonomia, protagonismo, empoderamento, gestão em rede, conhecimentos, livres, software livre, cultura digital, trabalho compartilhado, partilha, generosidade intelectual, tradição grão. São

conceitos e práticas que estão presentes na militância de gestores dos Pontos de Cultura de todo o Brasil. São as ideias e valores do Cultura Viva, cada vez mais presentes, exercitando sua dialética a partir de Ações. (TURINO, 2009: p. 89)

A cultura, portanto, pode ser um caminho para uma comunidade resolver questões sociais, históricas, culturais e de identidade. A cultura, torna-se, um essencial componente para o desenvolvimento. Dessa forma, é possível compreender que “Investir na cultura impulsiona a qualidade de vida e a conquista de direitos, um novo povo com cultura cuida melhor de sua saúde, compreende a importância da educação, conquista de investimentos para a sua comunidade, é mais cidadão” (p. 187).

E, a partir disso, uma comunidade começa: a olhar para si com mais amor e respeito; a valorizar o que possui, suas qualidades; a encarar os defeitos e problemas com consciência e postura de mudança e articulação para mudar. Inicia-se um processo de conscientização do que sou e aonde vou, quais são os objetivos e sonhos, e, a partir da realidade, pode-se modificar. A valorização do passado, das tradições culturais, dos conselhos dos ancestrais que permanecem vivos na lembrança dos mais velhos ajuda a caminhar para onde se deseja e, unindo incentivo governamental, a cultura local e agentes que possuem vontade de mudança, pode-se criar uma nova comunidade quilombola que valoriza, acima de tudo, a si própria e sua gana e vontade de vencer as adversidades para se tornar importante não só para os que a veem de fora, mas para si mesma. Este é o Quilombo Brotas que desponta.

Preservação da memória oral para a construção da identidade

A preservação da memória oral é um dos tesouros que o Quilombo Brotas possui. Recordar os fatos vivenciados naquele local causa uma sensação de nostalgia entre os mais velhos. Muitas histórias vividas pelos primeiros moradores da comunidade vieram até hoje construindo a personalidade e a identidade daqueles que as relembram e recontam, principalmente de avó Amélia, que possuiu uma personalidade muito forte, motivo de muito orgulho especialmente entre as mulheres.

Construir uma narrativa baseando-se em histórias orais dos moradores do Quilombo Brotas valoriza a trajetória histórica e territorial pela qual esse grupo passou durante mais de um século. O modo como eles vivem hoje, seus conflitos, as preocupações e a relação familiar com o espaço e com a história do lugar precisam ser valorizados, pois é exatamente o que os ligam com identidade.

Com o fim da escravidão, negros não podiam usar sapatos, mas vó Amélia teimou e conseguiu. Comprou um vestido e mandou fazer um sapato estilo “bota de cano”, cheio de botões e casou-se de sapatos. O sapateiro nos contava que tinha um fazendeiro muito rico que morava por aqui, de sobrenome Pupo, que tinha uma filha que todos chamavam de inhá moça Pupo. As pessoas falavam para a minha avó: “Você vai casar de sapatos? Você não é inhá moça Pupo”. E ela respondia teimosamente: “Mas sou Amélia e vou casar de sapatos”(entrevista concedida em outubro de 2008),

relembra Ana Tereza Barbosa da Costa, filha de Claro e neta de Amélia que hoje é a moradora mais velha do quilombo.

Essa personalidade forte de Amélia está presente até hoje nas mulheres do Quilombo Brotas, que possuem muito orgulho de ter uma mulher de pulso forte na família e que conduziu por muito tempo as atividades que aconteciam ali dentro.

Os filhos já crescidos eram aconselhados por Amélia a irem trabalhar fora do sítio. Ela desejava que eles conhecessem o mundo que ela não tivera a oportunidade de desbravar e que tivessem mais recursos e conforto.

Minha avó encorajava principalmente as mulheres da família a serem independentes e que não permitissem apanhar do marido. Caso o casamento desse errado, ela sugeria que as filhas ou as netas voltassem para o sítio. Ela dizia que, mesmo após sua morte, não queria que seus descendentes fossem humilhados no emprego ou por marido, temendo passar fome, pois o sítio sempre estaria a espera para acolher quem necessitasse, já que da terra eles podemos tirar o sustento(entrevista concedida em outubro de 2008),

lembra-se Ana Tereza os conselhos da avó.

E ainda complementa:

As mulheres da minha família sempre foram independentes, minha avó sempre dizia que mulher descendente dela nunca apanhou. Ela nos instruí a fazer um cômodo para o momento que surgissem adversidades e dizia que quando estivéssemos casadas ela teria morrido, então que deveríamos fazer um cômodo de barro, comprar mantimentos e guardar. Em volta da casa que plantássemos mandioca e batata. Isso ela passou para todas as netas(entrevista concedida em outubro de 2008),

recorda-se com carinho a filha de Claro.

Nessa época, as mulheres não estudavam, então tinham de trabalhar de empregada doméstica. Temendo que as filhas e netas sofressem maus-tratos, ela persistia.

Se vocês forem trabalhar, se a patroa não estiver contente com o serviço e ficar fazendo desaforo, vocês não precisam ficar aguentando, nesta época, eu já terei morrido, não estarei aqui para ampará-las e cuidar de vocês. Então vocês venham para o cômodo construído. Caso se casem e se o marido quiser bater, vocês têm o cômodo. Enquanto vocês não arrumarem serviço aqui tem mantimento e os alimentos que plantaram, pois a terra não fica com nada de ninguém”. Ela passava muitas instruções para nós (entrevista concedida em outubro de 2008),

diz Ana Tereza.

Essas lembranças ainda vivem muito forte na memória dos moradores, por esse motivo que a comunidade é marcada pela mão forte da mulher. Relembrar essas histórias é o que as fortalece para continuarem persistindo mesmo diante das adversidades.

No livro *A história geral da África, 2010*, no capítulo destinado à tradição oral das comunidades negras, o autor S. Exa A. Hampaté Bâ, especialista em tradições orais; autor de várias obras sobre os antigos impérios africanos e a civilização africana, comenta:

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (HAMPATÉ, 2010: p. 168)

Essa tradição oral é presente na comunidade Brotas que vem, por meio dela, construindo significados para a permanência e vivência na terra. Com o investimento do Ponto de Cultura, oficinas de tradição oral estão sendo realizadas no quilombo para os mais jovens que possuem a necessidade de compreender e, no futuro, transmitir a própria história.

A identidade quilombola deve nascer das tradições orais que eles possuem, das memórias e das histórias que ali são contadas. É a partir da cultura que eles já têm, das tradições ancestrais que fazem parte da própria história, que vai surgir uma nova cultura e tradição quilombola. Partindo da história já possuem, da vivência dos antepassados é que pode se criar algo novo, porém particular e pertencente àquela comunidade.

Fabio Barbosa, um dos membros mais velhos da família e neto de Amélia, relembra o que mais o marcou da característica da avó:

Minha avó tinha o costume de, toda tarde, em um cômodo que nós chamávamos de varanda, uma ligação entre a sala e a cozinha, contar muitas histórias. O chão era todo de terra e no centro desse cômodo tinha tijolos que formavam um quadrado. Toda tarde quando ia escurecendo ela colocava lenha e fazia uma fogueira. Todos que estavam no sítio, os filhos e os netos, sentavam no chão, como não havia televisão nem rádio, ali ficávamos conversando, contando histórias. Ela contava da família e muitas outras coisas. Esse fogo de chão era muito importante para reunir a família de noite (entrevista concedida em outubro de 2008).

E ele continua contando:

Vovó acendia um lampião de querosene, ele iluminava muito pouco, mas dava para vermos uns aos outros, pois o fogo clareava um pouco também. Ali ela fazia café, pipoca e batata doce. Às vezes não tinha nada para comer, em outras ocasiões havia. Quem dava muita vida nesse momento era tio Claro, ele era cheio de histórias, contava e fazia piadas, nós dávamos muita risada, ele era muito alegre (entrevista concedida em outubro de 2008).

Por meio desse relato percebe-se que a utilização da tradição oral já é uma prática antiga dentro da comunidade e tem sido preservada na memória dos mais velhos como tesouro vivido por eles. Hoje, quando grupos vão visitar o Quilombo Brotas, essas histórias são recontadas pelos mais novos que fazem a ponte entre os antepassados e aqueles que possuem curiosidade sobre a história. Por repetirem várias vezes, ela vai sendo gravada na memória e no coração dos mais jovens que um dia terão a responsabilidade de passar a diante a própria história. E é dessa forma, registrando e recontando a história que lhes pertence, que se vai formando a identidade quilombola da comunidade Brotas.

Grupos sociais, e isso não é diferente com a comunidade do Quilombo Brota, possuem uma identidade própria, trazendo um passado registrado nas representações da comunidade como tradição, que a explica e a justifica, mesmo que não seja valorizada.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem-definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-

lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial.

Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana.

Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (HAMPATÉ, 2010: p. 169)

Relação com as questões étnico-raciais

Durante esses anos de história da comunidade do quilombo Brotas, desde a época dos primeiros moradores até hoje, nunca se registrou um movimento forte de resistência negra iniciado pelos moradores da comunidade. Mas percebe-se também que a relação com a população branca da cidade sempre foi hostil, porém atenuada pelas questões de interesses.

Mas somente o fato de se considerarem como comunidade quilombola isso já, implicitamente, garante-lhes uma marca de resistência. Uma comunidade quilombola formada pela sua maioria de moradores negros e economicamente desfavorecidos os torna duplamente alvo de preconceitos. No Livro *O Negro na Brasil de Hoje, 2006*, de autoria de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, eles discutem o conceito de raça e a origem do racismo no Brasil:

Nesse contexto, podemos compreender que a identificação de raças é, na realidade uma construção, social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa. De forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que aprendemos a ver os negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. (MUNANGA; GOMES, 2006: p.176).

Entende-se então que esse racismo já se encontra implícito na vida social de forma natural. Assumir uma identidade quilombola dentro deste contexto possui suas dificuldades, principalmente em uma sociedade tradicional e antiga como a da cidade de Itatiba, que

demonstra em diversos aspectos que possui seus valores baseados em questões econômicas e relações familiares.

É por isso que dizemos que as diferenças, mais do que dados as natureza, são construções sociais, culturais e políticas. Aprendemos, desde criança, a olhar a diversidade humana – ou seja, nas nossas semelhanças e dessemelhanças – a partir das particularidades (...). Contudo como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiúra, interioridade e superioridade. (MUNANGA E DOMES: 2006, p.178).

É, portanto fundamental compreender essa relação étnico-racial que está presente na sociedade brasileira e conseqüentemente na cidade de Itatiba, para estudar o porquê parece tão difícil para os moradores do Quilombo Brotas assumirem uma identidade negra e quilombola. A relação que possuem próxima com a cidade e com os meios de comunicação de massa, faz com que tenham uma visão deturpada do que é belo. E principalmente por parte das crianças e adolescentes, o modelo perfeito e ideal de beleza eles não encontram dentro de sua comunidade e nem em seus antepassados, moradores do quilombo.

2.3 METODOLOGIA APLICADA

O estudo da comunidade quilombola Brotas, como já foi dito, tem sido realizado desde 2008, com a finalidade da realização do trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Nessa época, foi realizada uma pesquisa para se conhecer a história da comunidade, suas origens familiares e culturais, os conflitos existentes e os rumos que a comunidade poderia tomar.

Em 2008, foram entrevistados mais de dez moradores do quilombo de diferentes idades e gêneros, cada um com sua característica e envolvimento com a comunidade. Para isso, foram realizadas visitas no Quilombo Brotas pelo menos três vezes na semana, em um período de dois meses. Com isso, foi possível a vivência do cotidiano dessa comunidade. Também foram entrevistados: a técnica do Itesp, que elaborou o Relatório Técnico e Científico para o reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombo; uma das líderes da Organização a Sociedade Civil de Interesse Público “Resgate a Cidadania”, que colaborou para que a comunidade não perdesse as terras e ganhasse visibilidade governamental; e os moradores vizinhos ao quilombo. Essa vivência possibilitou um estudo

mais detalhada da comunidade. Desta vez, o estudo restringiu-se à técnica de entrevistas semiestruturadas, focadas mais no Ponto de Cultura, que foi implantado Quilombo Brotas em 2010.

Nessa oportunidade, no estudo da comunidade Brotas, foram escolhidas pessoas para serem entrevistadas que pudessem dar um panorama de como está sendo encarada pelos moradores a implantação de uma mudança dentro da comunidade, e então mensurar que avanços isso causou ali. Para isso, foram realizadas três visitas na comunidade, para observar, de forma efetiva, como, o que foi planejado com a implantação do Ponto de Cultura estava sendo realizado de fato e que impactos causam na comunidade.

Uma das entrevistadas foi Ana Tereza Barbosa da Costa, de 73 anos, a moradora mais velha da comunidade. Logo ao chegar à sua humilde casa, adentrou-se, desta vez, pela parte dos fundos, dando direto na cozinha, diferentemente das demais vezes que a entrada era feita pela sala. Ana Tereza encontrava-se na cozinha. Vestida humildemente, lenço na cabeça, curvada e com sua bengala, devido a problemas de saúde, porém com quase nenhuma ruga no rosto. Ela estava dialogando com o sobrinho a respeito de uma questão delicada do quilombo, a venda de casas. Na comunidade, os moradores solicitam seus conselhos para se tomar qualquer atitude perante os demais moradores.

A conversa girou em torno do passado, dos primos, da época de sua avó Amélia e histórias vividas junto com o marido. Falou do presente, de como está a comunidade hoje. Relatou ainda seus antigos descontentamentos sobre a desunião da família, os jovens que estão, cada vez mais dispersos, e os conflitos que ainda persistem. Falou, animadamente, a respeito das ações que estão sendo realizadas no quilombo, das visitas que estão recebendo, de como ela tem contado as histórias do quilombo para os visitantes e também do futuro. Porém, desanimada, voltou a se lamentar pesadamente sobre o futuro dos jovens e do quilombo.

No final da conversa, Ana Tereza mostrou que, depois de tantos anos, conseguiu juntar dinheiro e está realizando uma reforma em sua casa. A sala estava cheia de entulhos, como ela mesma mostrou orgulhosa, e por esse motivo a entrada da casa era realizada pela cozinha.

Outro entrevistado foi José Roberto Barbosa, ele não é morador do quilombo, mas é membro da família. Hoje, é o coordenador do Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”. Muito animado e agitado, estava de partida para Brasília, DF, para participar de uma marcha quilombola. Depois que Rose Barbosa, ex-coordenadora de Cultura do quilombo faleceu em 2008, muitos acreditaram que o movimento quilombola da comunidade seria

enterrado com ela, já que era a única da comunidade a ter mais envolvimento com a questão do negro e dos quilombos. Mas, como ele mesmo relatou, José Roberto assumiu essa herança quilombola deixada por Rose. Na verdade, ele disse que, no momento do velório dela, líderes de outros quilombos dialogaram com ele para conscientizá-lo dessa missão. E, assim, ele vem fazendo. José Roberto participa das ações que os quilombos da redondeza promovem e, dessa forma, ele se articula e descobre novas maneiras de promover o Quilombo Brotas, faz parcerias com grupos culturais e os traz para as festas realizadas na comunidade. Muito inteligente e conhecedor de diversos assuntos, ele não é formado em nenhum curso de graduação, e não demonstra muito interesse em cursar. Entende muito sobre história do Brasil e realiza o trabalho de cruzar as informações que adquire com a história do próprio quilombo, que, aliás, conhece muito bem.

Manoel Roberto Barbosa, coordenador da Associação Cultural Quilombo Brotas, também foi entrevistado. Ele estava na sede do Ponto de Cultura, mexendo em algumas imagens no computador. Tranquilo e sereno ele foi comedido em suas palavras, mas demonstrou muita firmeza em suas respostas. Diferentemente de 2008, quando assumiu a associação, com a morte de Rose, em que demonstrava certa insegurança nas respostas. Ele trabalha em uma indústria de têxtil na cidade, e é nas noites e em fins de semana que consegue tempo para cuidar das questões do quilombo. Por essa razão, Manoel Roberto estava concentrado, diante do computador, na confecção das estampas das camisetas que o quilombo está produzindo para vender nos eventos que participar.

Uma das bisnetas de Amélia, Ana Maria Marcelino de Lima, de 60 anos, também foi entrevistada. Ela entrou na sede do Ponto de Cultura gritando: “Eu mato o Mane” (apelido de Manoel Roberto). Aquele escândalo se devia ao fato de Manoel Roberto ter esquecido de deixar no dia anterior um papel importante referente a ações que eles estavam promovendo no quilombo. Ela, muito animada, acabara de retornar do culto da igreja evangélica a qual pertence. Na conversa, Ana Maria falou sobre as ações em que ela está realizando no Ponto de Cultura.

No outro dia, o diálogo foi feito com Marcos Antônio Gomes, de 50 anos. Ele é filho de criação de Tia Lula, a mãe de santo que por muitos anos foi o pulso firme da comunidade e pouco antes de morrer vivenciou o abandono dos sobrinhos da prática da religião que era tradição da comunidade, a Umbanda. Devido a isso, até hoje, Marcos, por ter passado grande parte da sua vida dentro do sítio e saber os pontos de oferendas localizados no quilombo, lamenta o ocorrido. Segundo ele, o que os primos fizeram foi uma grande traição e o

quilombo não se desenvolve como comunidade quilombola sem que os moradores voltem a valorizar a tradição religiosa que era tão forte ali.

A última entrevista foi com Luana Fernanda Gomes, de 17 anos. Ela é uma das monitoras do telecentro do quilombo. Aparentemente tímida, tinha acabado de buscar a irmã mais nova na escola, e logo depois vai para o telecentro do Ponto de Cultura cumprir sua função. Ela não demonstrou muito constrangimento em fazer algumas revelações, como: “Não desejo no futuro morar no quilombo”; “Quando me perguntam onde eu moro, dou várias voltas para acabar dizendo que moro aqui”; “Não tenho vergonha do lugar e sim do que as pessoas estão fazendo dele”.

Os diálogos foram gravados, exceto o de Ana Tereza Barbosa da Costa, por falta de permissão. Essas conversas foram realizadas de maneira informal dentro do espaço do quilombo. Havia um questionário a ser seguido, mas também foram realizadas perguntas não programadas de acordo com a condução das respostas. Entre um diálogo e outro, houve uma interação grande entre os moradores, pelo fato de a entrevistadora ter conhecimento anterior da comunidade. Houve também visitas nas dependências da sede do Ponto de Cultura, nos projetos em andamento, no telecentro, além dos trabalhos já confeccionados pela comunidade.

2.4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Por meio das pesquisas teóricas e da captação de informações nas entrevistas realizadas no quilombo, foi possível a junção de uma grande quantidade de dados que ajudou na compreensão do problema da pesquisa.

No que diz respeito à questão de comunidades quilombolas, a comunidade Brotas apresenta uma característica muito peculiar, que, apesar de ser um quilombo reconhecido recentemente e urbano, seus moradores vivem naquele espaço por muitos anos. Mesmo com essas particularidades, que poderiam caracterizá-los como comunidade jovem e contemporânea, eles possuem, na verdade, especificidade de uma comunidade tradicional e conservadora. Portanto, qualquer modificação ou intervenção realizada na comunidade devem ser realizadas de forma delicada e, principalmente, observando os impactos que podem causar.

Referente à avaliação sobre os aspectos e impactos causados pelo ponto de cultura por parte dos coordenadores José Roberto, do Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”, e Manoel Barbosa, da Associação Quilombo Brotas, está acontecendo um grande

avanço na comunidade, pois, muito daquilo que eles sonhavam que pudesse se tornar realidade, quanto a projetos culturais no quilombo, está se concretizando com a implantação do Ponto de Cultura.

Uma das conquistas é a construção das trilhas, onde os visitantes poderão passear pelo quilombo e conhecer pontos importantes que fazem parte da história da comunidade, como as nascentes e o córrego, onde eram realizadas as oferendas aos Orixás das águas, quando os moradores praticavam a Umbanda no quilombo. Além disso, possuem um Blog (<http://www.nastrilhasdoquilombobrotas.org.br>), porém que não está sendo atualizado, confeccionam camisetas e artesanato, realizam festas em que celebram a memória e as tradições negras quilombolas. Também promovem oficinas de memória e oralidade e fazem contato com outras comunidades quilombolas. E, devido às normas colocadas pelo edital do Ponto de Cultura, eles adquiriram equipamentos como o telecentro, o projetor e o telão.

Com as visitas que recebem, eles estão se aprimorando em sua recepção, como conta, empolgado, José Roberto Barbosa:

Estamos nos aperfeiçoando cada vez mais. A última universidade que nos visitou foi uma de Guarulhos, eu não me lembro o nome. Vieram alunos do curso de história e de outros cursos também. Visitaram também o quilombo um grupo de crianças que jogam capoeira. O roteiro sempre é o mesmo: eles chegam, assistem a um vídeo, eu o Manuel e a Ana Maria falamos um pouco sobre a história do quilombo, as mulheres preparam a refeição para os visitantes. Temos nossos parceiros do hip hop que fazem apresentações musicais, grafites e dançam break. E quando a Tia Aninha [como é conhecida Ana Tereza Barbosa da Costa] está disposta, os visitantes passam pela casa dela para conhecê-la e ela conta algumas histórias. Daí então o grupo começa a percorrer a trilha do quilombo e visitam a tenda de Umbanda e os pontos principais do quilombo. O pessoal tem gostado e nós estamos cada vez melhores.(entrevista concedida em 06/11/2011)

Com esse relato, percebe-se que a comunidade tem se articulado para mostrar tanto o antigo quanto o novo: a junção das histórias com o hip hop faz que haja uma ponte entre o passado e o presente. Dessa forma, eles estão construindo uma característica própria e singular como comunidade quilombola. O nascimento de uma identidade pode ocorrer então por esse caminho da apropriação do passado e a produção do que contemporâneo realizado pelos jovens.

Manoel Roberto Barbosa acredita que o investimento do governo na comunidade por meio do Ponto de Cultura ajudou bastante: “Ajudou na questão da verba, mas se não tivesse isso nós íamos ter de nos virar do mesmo jeito, então o Ponto veio para reforçar

principalmente com a aquisição dos equipamentos e do espaço” (entrevista concedida em 06/11/2011). Ele também diz que a relação entre o que está disposto no edital dos Pontos de Cultura e o que eles estão realizando é muito complexa, pois os moradores questionam que há muitas necessidades e prioridades que não são da área da cultural. Este é um conflito antigo da comunidade que Manoel demonstrou estar administrando bem: “Muitos não enxergam que há um cronograma de trabalho que temos que seguir” (entrevista concedida em 06/11/2011). Otimista, ele percebe que a questão da construção da identidade é algo que está melhorando gradativamente e o papel do Ponto de Cultura é então reforçar para diminuir o preconceito. “Tem gente que possui vergonha de sua própria identidade, mas têm alguns que possuem orgulho. Para quem está de fora vê o quilombo com admiração, porém há os que estão aqui dentro e não dão valor” (entrevista concedida em 06/11/2011), afirma o coordenador.

Manoel leva com pulso firme a comunidade, e vai aos poucos resolvendo os conflitos. Além do mais, incentiva os jovens a estudar, pois, como estão próximo da cidade, é de lá que os jovens terão de tirar o sustento no futuro, e não do quilombo. Ele valoriza muito a opinião dos membros. Assim, ele tem se articulado dentro da comunidade e está fazendo que aos poucos esta se conscientize do que são e aonde vão, porém o processo é lento.

Ana Maria Marcelino de Lima diz que a partir do momento em que a comunidade começou a caminhar com as próprias pernas, buscando os próprios interesses, as ações estão caminhando melhor. Ela tem apoiado de forma concreta os projetos culturais do quilombo e acompanha a oficina de artesanato, além de participar das reuniões com os moradores da comunidade e sempre estar à disposição para quem precisa de alguma ajuda. Ana Maria comenta que, no trabalho de artesanato em grupo, as mulheres estão aprendendo a conviver e aprender umas com as outras: “Não vamos mais fraquejar, já deixamos muitas coisas, porém agora é hora de agir” (entrevista concedida em 06/11/2011).

Marcos Antônio Gomes afirma que as ações do quilombo estão caminhando lentamente e põe a culpa na desunião dos moradores. Para ele, ter plantações e criação de animais para o sustento da comunidade era algo que poderia existir. Por ser filho de criação da mãe de santo da comunidade, ele diz que a cultura quilombola ancestral se perdeu quando os moradores do quilombo resolveram praticar outra religião. Ele reclama que a comunidade, ainda, não tem poder de decisão na cidade e muitas ideias são impostas e o poder público não permite que eles deem opiniões. Ele ajuda na manutenção da sede do Ponto de Cultura. Por morar na comunidade desde 1961, Marcos é um grande conhecedor da cultura negra que aprendeu com a sua mãe. Ele tem o desejo de que a comunidade resgate a cultura Umbanda

que um dia possuiu. Mas, no que se refere às ações realizadas pelo Ponto de Cultura, diz: “Aqui tem chances de mudar. Nego velho caminha devagar, é assim que eu vejo as ações feitas pelo quilombo. Com a interação de outras pessoas na comunidade, acredito que ela ficará mais visível. Hoje nós não temos nada, este quilombo vai perder se nada fizer e não divulgar o que estamos realizando” (entrevista concedida em 19/11/2011).

Sobre a questão do empoderamento, uma das características relevantes que a política pública implantada na comunidade proporciona, José Roberto acredita que, em parte, eles estão conseguindo ter essa autonomia, mas não tanto quanto gostariam. Para ele,

Há ainda muitas pessoas que querem impor algo. Muitas vezes as pessoas chegam com aquele negócio, de cima para baixo; eles acham que sabem o que é a cultura do outro, ou que os outros têm que fazer e acha que sabe o que é melhor. E o legal do hip hop é que é uma cultura de rua, que os jovens eles foram criando e foi informal. Eu acredito que isso seja bom. Pegar os jovens e passar algo que eles possuem ligação e com isso eles passam a se ligar em outras coisas. Vejo também que os jovens são os mais conservadores, eles possuem um preconceito com certos tipos de música e conforme o tempo passa há um amadurecimento e a abertura para outras coisas e começam a buscar a raiz daquilo que gostam, é quando vão se encontrar com a cultura ancestral quilombola. (entrevista concedida em 06/11/2011)

Uma comunidade então se assemelha a uma grande árvore, onde os mais velhos simbolizam a raiz e os mais jovens, o topo ou a parabólica da árvore. Porém, essa copa está diretamente ligada à base, e recebe dela nutriente para sobreviver.

Na questão cultural, Manoel Barbosa explica que a comunidade se perde um pouco e que eles possuem ainda pouca influência na cidade para projetar a cultura do quilombo para fora dos portões do sítio:

Não queremos perder a identidade, a questão do terreiro e da Umbanda, apesar de os moradores terem outras práticas religiosas. Eu quero aprender para poder passar para as pessoas e até diminuir o preconceito, inclusive entre as crianças. O terreiro é um espaço sagrado, e é uma religião de matriz africana. Isso precisa ser preservado e estudado. Outros tipos de expressões culturais nós também estamos trabalhando junto com a comunidade para resgatar, pois se perdeu. (entrevista concedida em 06/11/2011)

Percebe-se por este relato que Manoel possui certa culpa por ter abandonado a religião da família, e hoje então se interessa em querer resgatá-la. Essa necessidade ocorre pelo fato de ver a importância que essa tradição histórica da família se perdeu, e é necessária para a

construção dessa identidade quilombola. Enquanto os moradores encararem a própria cultura com preconceito e isso for transmitido de geração a geração, os laços com o passado vão se afrouxando até que aquele espaço, que um dia foi um grande terreiro, se perca e deixe de ter um significado. Com o Ponto de Cultura, os próprios agentes de transformação do quilombo estão tomando consciência da importância que essa cultura tem, independentemente de práticas religiosas.

A jovem Luana, que mora no quilombo há nove anos, viu o sítio se transformar em quilombo. Ela diz que assim que a comunidade se tornou um quilombo, havia mais ações culturais do que hoje com o Ponto de Cultura. Disse também que morar em uma comunidade é questão normal, porém demora a responder quando alguém pergunta onde ela mora: “Tem vezes que falo que moro no sítio e outras que falo que moro no quilombo. Não tenho vergonha, não sei o porquê, mas quando me perguntam, demoro para responder” (entrevista concedida em 19/11/2011). Quando não está na escola ou fazendo outras atividades, Luana sempre está no telecentro do Ponto de Cultura atualizando suas redes sociais. Em relação à cultura quilombola, ela afirma: “Pelo fato da minha mãe praticar outra religião eu até conheço a cultura, mas não me interessa pelas danças e essas coisas. Eu venho e participo, mas não tenho interesse” (entrevista concedida em 19/11/2011).

Sobre a criação de uma identidade quilombola a ser construída por meio dessas ações culturais, José Roberto acredita que é complicado, mas é possível. Hoje, ele já vê alguns moradores se referindo ao local não mais como sítio e sim como quilombo. Segundo ele,

Observando também outras comunidades, vejo que uma identidade quilombola a questão de se assumirem como quilombolas é mais comum, por isso que eu acho muito importante o intercâmbio das comunidades, porque isso faz com que eles criem uma identidade. Mesmo sendo comunidades distintas, eles possuem características em comum, e nessa relação, neste intercâmbio, nasce o senso de identidade, vai se afirmando. Nós somos quilombolas, é o que eu sinto, mas vou ver isso nos jovens quando eles crescerem e terem que assumir responsabilidades aqui dentro. Porém uma identidade todos já possuíam mesmo antes do lugar se tornar um quilombo, mesmo quando era um sítio, pois crescemos juntos, os jovens saem juntos, e um protegem o outro, então há um laço de fraternidade muito grande. E cultivar esse laço é o mais importante (entrevista concedida em 06/11/2011).

Isso se assemelha muito com que Stuart Hall fala sobre a identidade na pós-modernidade. Ou seja, por meio da junção de informações e vivências, cria-se essa identidade, que é constantemente mutável e construída.

Sobre o quilombo, Luana afirma: “Não vejo o quilombo melhor no futuro. Acredito que poderiam melhorar muitas coisas, as pessoas podiam ser mais unidas e se ajudarem a realizar a manutenção, o corte dos matos, e quando tem uma festa, todos poderiam ajudar”. E

ela continua: “Quando eu casar e tiver filhos, não pretendo morar aqui. Devido a acontecimentos que denigrem a imagem do sítio, ele para mim não representa nada” (entrevista concedida em 19/11/2011). Apesar dessas declarações, Luana diz se sentir uma quilombola, pois há questões que ela briga e luta pelo quilombo: “Na cidade há muito preconceito, não pelo fato de ser um quilombo e sim pela cor. As pessoas fazem piadas. Acham que não fazemos parte da civilização e tudo que vem daqui é macumba”.

Percebe-se que, para a jovem, a relação do preconceito sofrido é bem forte e isso esbarra na apreciação que ela poderia possuir da própria comunidade e da história. Isso faz que ela, mesmo negando aparentemente em seu discurso, demonstre vergonha por morar ali e fazer parte da comunidade.

Pela transmissão da história oral, Luana conhece algumas das histórias do quilombo e diz sentir orgulho por possuir ancestrais tão valentes e corajosos como a Amélia que, contrariando os costumes da época, se casou de sapatos. “Ela era guerreira, esta é uma história que eu levo com orgulho”.

Na questão racial, José Roberto afirma que, sem esses laços e a valorização cultural, uma comunidade não sobrevive:

Qualquer grupo que tem um histórico de discriminação, ele precisa dessa autoafirmação, de se ver de uma forma positiva, se não ele vai querer ser igual ao outro. Por isso a importância de trabalhar as culturas quilombolas, o hip hop para trabalhar a autoestima. Para o negro, e qualquer grupo que é discriminado, isso é muito importante, se ele achar que o que tem é ruim ele vai chegar ao outro numa situação de subserviência. É preciso valorizar o que se possui e se ver de uma forma positiva. Na escola todos riam da minha cor, do meu cabelo e do meu nariz, porém quando eu chegava a casa via que isso tudo era valorizado pela minha família, se não fosse essa valorização eu teria um grave problema de autoestima hoje (entrevista concedida em 06/11/2011).

Já Ana Maria Marcelino de Lima diz que a relação com os brancos na cidade sempre foi cordial e de muito respeito. “Não havia preconceito, mas se havia eles disfarçavam muito bem, pois sempre estavam todos juntos. Muitas mulheres aqui do sítio eram amas de leite para as crianças brancas da cidade”. Por esse motivo, Ana Maria acredita não ter sido necessário os membros da comunidade terem realizado algum movimento de resistência forte dentro da cidade para reivindicar as suas necessidades.

Por essa visão tão pacífica, compreende-se que hoje é complexa a necessidade de haver autoafirmação como quilombolas, pois eles têm em mente que a relação entre negros e brancos, quilombolas e não quilombolas é tranquila, esquecendo-se muitas vezes de que hoje

sobra para os negros na cidade os subempregos, as moradias precárias, a pobreza e a falta de recursos básicos, como o caso do saneamento básico, dentro do quilombo, o que é um direito legal.

Avaliando as queixas dos moradores, percebe-se que, ainda, falta muito diálogo entre a coordenação e os membros da comunidade quilombola. Pode ser que o Ponto de Cultura traga a necessidade de se articularem com os demais moradores, ouvir e interagir principalmente com aqueles que não possuem o desejo de preservar a cultura local.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental, nestas considerações finais, pontuar algumas características da comunidade que vive no Quilombo Brotas. Uma de suas mais destacadas peculiaridades é possuir uma história oral viva e preservada. É essa história oral que ajuda a constituir uma identidade da comunidade.

Trata-se de uma comunidade tradicional, que tem a necessidade de reivindicar políticas públicas que favoreçam seus moradores nas questões de habitação, moradia, transporte, trabalho, produção de renda.

Nota-se que os moradores conseguem perceber, ao longo desses anos, as necessidades que a comunidade possui, porém demonstram dificuldade em se articular politicamente para reivindicar essas necessidades.

Portanto, por meio do Ponto de Cultura, abrem-se possibilidades para que a comunidade se engaje na reivindicação de novas políticas públicas, já que o Ponto de Cultura constitui uma rede de relações que anteriormente era realizada pela memória dos mais velhos que, com o passar dos anos, perdeu sua força.

De fato, o Ponto de Cultura é uma política pública conquistada que colocou os moradores do Quilombo Brotas em contato com amplas possibilidades. Ele tem permitido uma expansão da comunidade que antes era construída pela oralidade e hoje é realizada também pelas relações sociais. Isso ocorre pelo contato com outras comunidades quilombolas, que possuem novas ideias e núcleos culturais. Ter contato com ações empreendidas por essas comunidades proporciona a eles novas perspectivas. É no contato com o outro que a comunidade reconhece seus valores e agrega possibilidades para o futuro.

Quando uma sociedade tradicional se abre para o novo, nascem vastas possibilidades, e ela acaba sofrendo impactos com essa inserção da modernidade. Na comunidade Brotas não foi diferente. A articulação com outras comunidades aumentou. Hoje, seus líderes sociais estão mais articulados, críticos e politizados. Nos discursos, é perceptível essa maior imponência ante aos problemas do Quilombo Brotas. Esta é apenas uma das diferenças visivelmente percebida na comunidade com a interferência do Ponto de Cultura.

A relação entre jovens e velhos com a inserção dessa política pública tem a possibilidade de se tornar mais próxima, principalmente com as oficinas de memória e oralidade, que são alguns dos projetos que estão sendo realizados. Com as visitas de grupos, a história da comunidade é contada e recontada várias vezes. Isso faz com que eles memorizem não só esta, mas muitas outras histórias. No diálogo com a jovem Luana, essa característica ficou muito presente no momento em que ela reconta a história e diz ter orgulho.

Os conflitos ainda permanecem, mas os membros da comunidade hoje possuem muito mais motivos para se articularem. As oficinas de artesanato têm unido as mulheres do quilombo. As apresentações de hip hop estão fazendo os jovens se aproximarem mais do que é realizado no quilombo. As festas têm trazido pessoas de diferentes lugares para conhecer a comunidade, e as visitas fazem os moradores se organizarem e se estruturarem para mostrar a própria história e a cultura. A confecção de camisetas tem feito que as pessoas de fora da comunidade deem o valor que eles mesmos ainda não enxergaram.

É fato, portanto, concluir que, com a implantação do Ponto de Cultura “Nas Trilhas do Quilombo Brotas”, em 2010, na comunidade Brotas, essa política pública voltada para as questões culturais está fazendo que nem todos os moradores do quilombo, mas boa parte deles, tenham uma postura diferente diante das questões conflitantes da comunidade.

Dessa forma, é possível sim que uma comunidade, por meio da fomentação da cultura popular, incentivada por uma política pública governamental, possa encontrar caminhos possíveis e viáveis para se autoafirmar como uma comunidade quilombola, orgulhosa de sua história e ancestralidade. E que, por meio das ações realizadas e da valorização da memória oral, se una e construa uma identidade que fixe como característica marcante e permita a seus autores se apoderar da própria cultura e história e ganhar força de articulação por meio da raiz ancestral para reivindicar possibilidades e direito para toda a comunidade.

Isso só é concebível porque a cultura permeia todas as ações da sociedade. Com este artigo, pode-se compreender que a cultura pode ser, portanto, comportamento, e no Quilombo Brotas, tornou-se postura perante o mundo. Como encarar as questões do dia a dia faz parte da

cultura de se portar diante de desrespeitos, preconceito, humilhação. Assim como a luta individual, coletiva, a resistência, o trato com as pessoas.

Compreende-se, então, que somente por meio da cultura é que a comunidade quilombola Brotas pode se apropriar de sua memória e dar a devida importância a seu papel fundamental na sociedade itatibense.

É importante reconhecer o esforço da comunidade em criar amplas possibilidades. Para o futuro, é possível que a comunidade continue avançando para conquistar suas necessidades, que possa por meio da valorização da história e da cultura se tornar, cada vez mais, forte para enfrentar as dificuldades vindouras. O momento é de focar na valorização cultural para as crianças, para que elas cresçam possuam orgulho de serem quilombola e possam, assim, levar adiante a tradição do Quilombo Brotas de viver durante anos compartilhando do mesmo território, conflitos e histórias.

4. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **Quilombos** – identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: AORI Comunicação, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

HAMPATÉ BÂ, A. **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África, capítulo 8, A tradição viva; editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

SCALLI, Patrícia dos Santos. **Relatório Técnico Científico, Quilombo Brotas**. São Paulo, Itesp – Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo, 2007.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura**: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2009.